

Onde está a mulher negra brasileira?

Autora: Bianca Stefano Vyunas

2º semestre/ 2017

Roteiro de Atividades Didáticas (5 atividades em 5 aulas de 45 a 50 minutos)

TEMA 1

Onde estão os negros e negras do Brasil? Discutindo representatividade

Objetivos: Fazer com que o exercício do olhar crítico se volte para a grande mídia, numa perspectiva crítica sobre a questão da mulher negra brasileira e suas representações.

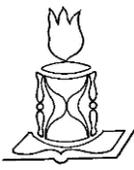
Previsão de duração da aula: Duas aulas de 40 a 45 minutos cada.

Recursos necessários: Projeção com imagem e som.

Descrição: Introduzir a discussão sobre representatividade negra na sociedade brasileira, voltando-se especificamente para o caso da mulher negra e seus arquétipos conhecidos. O objetivo da atividade é recuperar o olhar para a grande mídia, exercitando o estranhamento do já conhecido, com a intenção de acionar a percepção de como os grupos raciais brasileiros são identificados e compreendidos no Brasil. O mote para tanto será a aproximação de imagens, registros audiovisuais, canções, manifestos negros e textos literários.

Dinâmica proposta

1. O(a) professor(a) poderia começar perguntando para os alunos onde estão as pessoas negras na mídia (na televisão, nas revistas, nos filmes, redes sociais), que papéis normalmente ocupam, em que trabalham etc. Com a discussão, tentar



perceber se há diferenças na representatividade negra. Indagar aos alunos se já se fizeram essa pergunta. E, mais especificamente, questionar: Onde está a mulher negra? Como ela é vista pela sociedade brasileira?

2. A partir dessas constatações, vamos destrinchar a representação do negro brasileiro na televisão, a maior formadora de opinião pública do país, e na mídia impressa (jornais e revistas).

3. Antes da apresentação de dois trechos do documentário, o(a) professor(a) pode dizer aos alunos sobre a importância da mídia enquanto formadora de opinião de massas, por trazer primeiro a imagem, que é facilmente compreensível, em vez da linguagem escrita, a qual exige mais esforço para sua apreensão. Em seguida, apresentar o primeiro trecho do documentário *A negação do Brasil* sobre a novela *A cabana do Pai Tomás*, de 1969. A telenovela tinha como protagonista um personagem negro (Pai Tomás) interpretado por um ator branco, o famoso Sérgio Cardoso. O ator era maquiado como negro e colocava rolhas em suas narinas para caracterizar-se fenotipicamente como Pai Tomás. Esse foi o primeiro caso de reverberação crítica sobre a representatividade negra na televisão. O livro *Aqui ninguém é branco*, de Liv Sovic (2009), informa de maneira contumaz sobre a branquitude métrica do que se produz em publicidade, televisão e representação cultural no país:

Está aumentando o número de negros nos papéis importantes na televisão e na publicidade, mas o povo que os meios de comunicação mostram ainda é de aparência relativamente branca. Ser branco exige pele clara, feições europeias, cabelo liso, ou dois ou três elementos. Ser branco no Brasil implica desempenhar um papel que carrega em si uma certa autoridade e que permite trânsito, baixando barreiras [...]. A branquitude não é genética, mas uma questão de imagem: mais um motivo pelo qual é um problema que se coloca na cultura dos meios de comunicação. Como pensar o fato de que os brancos e os mestiços mais brancos estão em evidência desproporcional nos meios de comunicação, mas que esse fato não parece criar constrangimentos? Como pensar, pois, a hegemonia do branco como ideal estético? (p. 36)



4. Após apresentar o trecho do Pai Tomás, discutir com os alunos outra passagem do documentário, agora sobre a atriz Lucélia Santos no papel de Isaura na novela *A escrava Isaura*. Chamar a atenção dos estudantes para o fato de a escolha de uma atriz branca ser outro fator marcante de racismo institucionalizado, pois à época, o que se dizia era que não haviam encontrado uma atriz negra à altura de Lucélia Santos. A ideia é mostrar uma personagem masculina e uma personagem feminina, ambas sendo interpretadas por atores considerados brancos. Pontuar essas escolhas como uma das marcas do que viria a ser a representação midiática dos negros e negras e sua cultura em nosso país.

5. A partir da observação desses dois trechos, a ideia é que o(a) professor(a) discorra sobre o apagamento da memória dos negros e negras brasileiras e o processo crescente de branqueamento da população, que têm como marco central a abertura à imigração europeia no início do século XX, mas que haviam começado no final do século XIX.

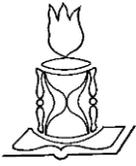
6. Ao final da exposição, pedir o seguinte exercício aos estudantes: buscar na atualidade como os negros são representados nos mais diversos meios midiáticos, com o objetivo de observar se houve mudanças, avanços ou retrocessos nessa representação.

Apêndices (TEMA 1)

- Joel Zito Araújo, *A negação do Brasil*, 2000. Disponível em: <<https://goo.gl/JchWdy>>. Acesso em: 31 ago. 2018.



Figura 1 – Ruth de Souza (Cloé) e Sérgio Cardoso (Pai Tomás) em *A cabana do Pai*



Tomás (1969).



Figura 2 – Atriz Lucélia Santos em *A escrava Isaura* (1975)

TEMA 2

Qual é a cor do Brasil?

Objetivos: Apresentação de cor/raça: o que é cor e raça no Brasil? Das categorias do IBGE até a autodefinição.

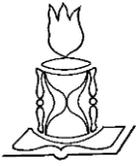
Previsão de duração das aulas: Três aulas de 40 a 45 minutos cada.

Recursos necessários: Discussão teórica e exercício de leitura de artigo de jornal e análise de dados e tabelas.

Descrição

1. Antes de dar o artigo de jornal aos alunos, iniciar uma discussão teórica a partir dos textos “Raça, cor, cor da pele e etnia” (2011) e “Como trabalhar com ‘raça’ em sociologia?” (2003) do sociólogo Antonio Sérgio Guimarães. Essa abordagem inicial serve para introduzi-los à discussão da sociologia sobre o conceito de raça no estudo das relações raciais brasileiras. Alguns pontos a serem desenvolvidos pelo(a) professor(a):

- A retomada do conceito de “raça” no Brasil e suas razões históricas.
- As categorias do IBGE no Brasil e a autodeclaração. Chamar a atenção dos alunos para a mudança ocorrida em 1991 na pergunta da pesquisa: de “Qual a sua



cor?” para “Qual a sua cor/raça?”. Avançar na ideia de que raça e cor são coisas diferentes no Brasil. A identidade subjetiva brasileira se refere à coloração da pele, ao fenótipo e suas gradações, diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, onde a diferenciação racial se aplica à origem familiar. Outro ponto é o ressurgimento de raça na pergunta do IBGE enquanto classificador social, retomado em 1991 de forma invertida:

[...] como estratégia política para incluir, não para excluir, de reivindicar e não de sujeitar. São os movimentos sociais de jovens pretos, pardos e mestiços, profissionais liberais e estudantes, que retomaram o termo, para afirmar-se em sua integridade corpórea e espiritual contra as diversas formas de desigualdade de tratamento e de oportunidades a que estavam sujeitos no Brasil moderno, apesar – e talvez *pour cause* – da democracia racial. (GUIMARÃES, 2011, p. 2)

- As diferentes categorias: a categoria analítica e a categoria nativa em sociologia:

A categoria analítica enquanto conceito que permite a análise de um determinado conjunto de fenômenos, e faz sentido apenas no corpo de uma teoria [...]. E quando falamos em conceito nativo, ao contrário, é porque estamos trabalhando com uma categoria que tem sentido no mundo prático, efetivo. (GUIMARÃES, 2003, p. 96)

- Explicar o conceito de raça para a sociologia. “Raças são, cientificamente, uma construção social e devem ser estudadas por um ramo próprio da sociologia ou das ciências sociais, que trata das identidades sociais. Estamos, assim, no campo da cultura, da cultura simbólica. Ou seja, possui um sentido histórico, um sentido específico para um determinado grupo humano” (GUMARÃES, 2003, p. 96). O autor, a partir dessa diferenciação, perguntará: o que é raça? Depende se estamos falando de termos científicos ou de categorias no mundo real. Deixar isso claro aos alunos para discutir seus usos possíveis.

2. Após essa retomada, entregar o artigo de jornal para a leitura conjunta do texto:



RACISMO NO BRASIL

Pretos e pardos sofrem mais com desemprego, aponta IBGE

População negra representa 64% dos 12,3 milhões de desempregados brasileiros

por Redação RBA | publicado 01/03/2017 15h32

São Paulo – Os trabalhadores pretos e pardos são os que mais sofrem com o desemprego no Brasil. De acordo com os dados divulgados pelo IBGE na última sexta-feira (24), dos 12,3 milhões de desempregados, cerca de 64% são pardos e pretos.

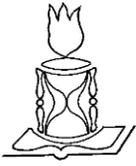
A média nacional de desemprego ficou em 12%, entre brancos estava em 9,5%. Porém, entre negros a média é de 14,4% e entre pardos, de 14,1%. O salário da população negra também é inferior, pois a média salarial nacional é de R\$2.043, já a dos brancos é de R\$2.660, dos pardos R\$1.480 e dos negros, R\$1.461.

Fonte: *Rede Brasil Atual*, 2017.

EDSON LOPES JR./FOTOS PÚBLICAS



Média nacional de desemprego entre pretos é de 14,4% e entre pardos, de 14,1%



Dinâmica proposta

1. À luz das discussões sobre raça e categorias, refletir sobre o aumento nos últimos tempos da autodeclaração de negros e pardos; ao mesmo tempo, observar dados que falem da situação da mulher negra, especificamente, e da desigualdade por ela sofrida.

Mulher negra continua com menos oportunidades no Brasil COMENTE



06/03/2017 | 17h13



Ouvir texto Imprimir Comunicar erro

Carlos Meneses Sánchez.

São Paulo, 6 mar (EFE).- Ser mulher e negra no Brasil significa trabalhar mais, ganhar menos e ver limitadas as oportunidades em um mercado de trabalho ainda dominado pelos homens, apesar dos avanços registrados nas duas últimas décadas, como mostra um relatório divulgado nesta segunda-feira pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

O estudo "Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça" afirma que, entre 1995 e 2005, as mulheres negras brasileiras foram o coletivo que recebeu o menor salário pelo trabalho desempenhado.

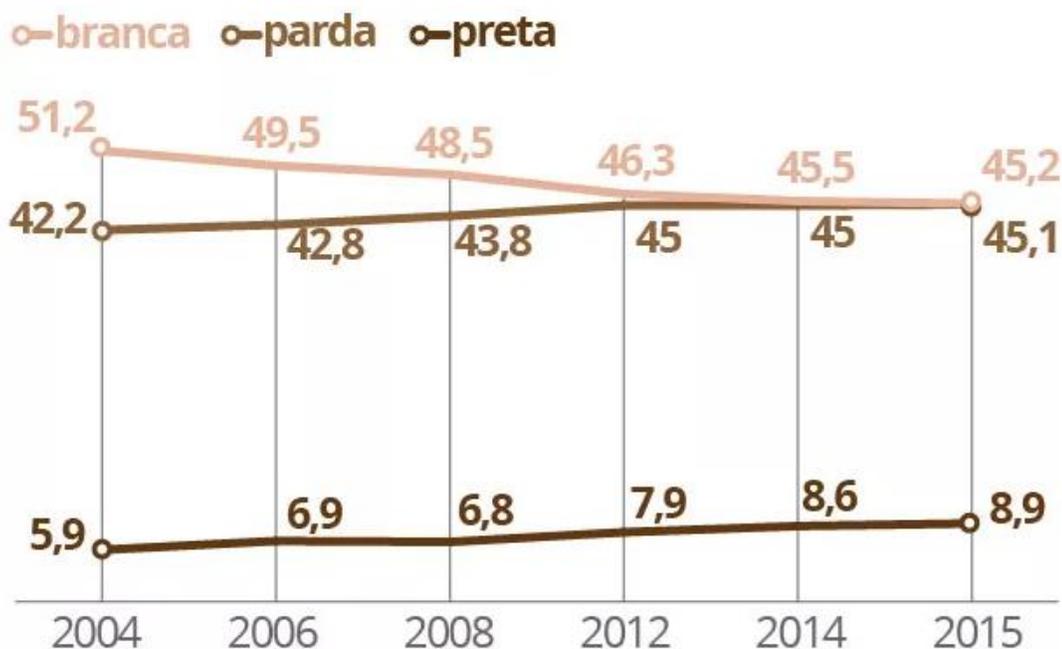
Fonte: Carlos Meneses Sánchez, 2017.



2. Trazer alguns dados sobre trabalho e desigualdade:

População segundo cor/ raça (%)

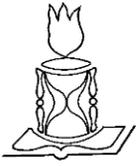
Dados da Pnad de 2004 a 2015



FONTE: Pnad 2014/15

Fonte: G1, 2016.

Exercício final: Pedir para elaborarem um trabalho, texto, música, rap, grafite etc. sobre a questão do branqueamento da população brasileira e o caso específico das mulheres negras, à luz das imagens que foram coletadas e coladas nas paredes da sala de aula.



Apêndices

- **Leituras recomendadas para os alunos:**

SÁNCHEZ, Carlos Meneses. Mulher negra continua com menos oportunidades no Brasil. *UOL Economia*, [S.l.], 6 mar. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/1FMKAX>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SANTOS, Joel Rufino. *O que é racismo?* São Paulo: Brasiliense, 1984.

POPULAÇÃO parda quase se iguala à branca no país segundo Pnad. *G1*, São Paulo, 25 nov. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/PXnp9w>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

PRETOS e pardos sofrem mais com o preconceito, aponta IBGE. *Rede Brasil Atual*, [S.l.], 1º mar. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/REAkVM>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

- **Imagens ilustrativas presentes no documentário:**



Figura 1 – Sérgio Cardoso interpretando Pai Tomás na telenovela *A Cabana do Pai Tomás* (1969)

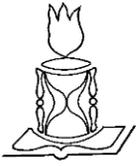
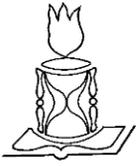


Figura 2 – Lucélia Santos interpretando a escrava Isaura na telenovela *A Escrava Isaura* (1976).



Bibliografia

A NEGAÇÃO do Brasil. Direção: Joel Zito Araújo. Produção: Luis Antonio Pillas, Juca Cardoso e Vandy Almeida. Intérpretes: Milton Gonçalves, Ruth de Souza, Joel Zito Araújo, João Acaibe, Léa Garcia, Zezé Motta, Maria Ceixa, Nelson Xavier. Roteiro: Joel Zito Araújo. [S.l.]: Casa de Criação, 2000. 1 DVD (91 min).

CAMPOS, Ana Cristina. População brasileira é formada basicamente de pardos e brancos, mostra IBGE. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, 24 nov. 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/xHBwTM>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Olhar escravo, ser olhado. In: AZEVEDO; Paulo Cesar de; LISSOVSKY, Maurício (Org.). *Escravos brasileiros do século XIX na fotografia de Christiano Jr.* São Paulo: Ex-Libris, 1988. p. 23-30.

LACERDA, João Batista. Sobre os mestiços no Brasil. In: CONGRESSO UNIVERSAL DAS RAÇAS, 1., 1911, Londres.

GONZALES, Lélia. Mulher negra, essa quilombola. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 22 nov. 1981. Folhetim, p. 4.

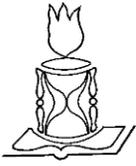
_____. Por um feminismo afro-latino-americano. *Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino – Batalha de Ideias*, Embu, n. 1, p. 12-20, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/Sjpf4B>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. O recente anti-racismo brasileiro: o que dizem os jornais diários. *Revista USP*, São Paulo, v. 28, p. 84-95, dez./fev. 1996.

_____. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 61, p. 147-162, nov. 2001.

_____. Como trabalhar com “raça” em sociologia. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1., p. 93-107, 2003.

_____. Raça, cor, cor da pele e etnia. *Cadernos de Campo*, São Paulo, v. 20, n. 20, p. 1-360, 2011.



O CANTO da cidade – Daniela Mercury – Vídeo original (1992). 3'20". *Wally Bond*. YouTube. 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/6gGks6>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

POPULAÇÃO parda quase se iguala à branca no país, segundo Pnad. *G1*, São Paulo, 25 nov. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/KDYd9E>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.